



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 19, n. 9, art. 14, p. 285-298, set. 2022

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2022.19.9.14>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



Delineações Políticas em Hamlet, de William Shakespeare

Politics Delineations in Hamlet, by William Shakespeare

Adelson Oliveira Mendes

Mestrando em Estudo de Linguagens pela Universidade do Estado da Bahia
Graduação em Letras - Língua Inglesa pela Universidade do Estado da Bahia
Professor de Língua Inglesa
E-mail: adelsonoliveiramendes@gmail.com

Adriana Gomes

Doutora em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia
E-mail: abgomes@uneb.br

Endereço: Adelson Oliveira Mendes

Pov. Palmeira dos Mendes, s/n. CEP: 46900-000,
Seabra/Ba, Brasil.

Endereço: Adriana Gomes

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula, CEP: 41150-000 –
Salvador/Ba, Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 15/05/2022. Última versão
recebida em 26/05/2022. Aprovado em 27/05/2022.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review
pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review
(avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

Esta proposta descreve e realiza releituras e análises sobre a capacidade de liderança da personagem Claudius, em pleno século XVI, coadunando-o aos campos literário e político presentes em *Hamlet* (1601): evidenciar duas ou três características da capacidade de liderança dessa personagem. No entrelaçamento da crítica shakespeariana, pode-se alcançar uma compreensão dessa personagem e sua relevância ao campo literário e político. Esta escrita procura analisar essa personagem e despertar possíveis novas interpretações do trabalho shakespeariano. No campo literário, destacam-se críticos que coadunam com essa proposta, como: Knight (1967), Bradley (2009), Bloom (2001) e Heliadora (2005). No político, Maquiavel (2000 - 2006) e Descartes (2001) trabalham minuciosamente, evoluções dos aspectos políticos. Essa proposta de escrita procurou considerar tais críticas, pois possuem relevâncias para a compreensão política e analítica de tal personagem escrita por Shakespeare. Na escrita shakespeariana, podem ser observadas muitas ações políticas evolutivas ao analisar as atitudes da personagem Claudius, principalmente, ao comparar tais ações de Claudius com as ações do seu antecessor.

Palavras-chave: Shakespeare. Hamlet. Claudius. Política. Sociedade.

ABSTRACT

Its proposal describes and performs rereads and analyzes the leadership capacity of character Claudius, in middle of XVI century, matching him to the literature and politic fields present in *Hamlet* (1601): to show two or three characteristics of this character's leadership capacity. In intertwin of Shakespearean critic, can reach a comprehension this character and its relevance to literature and politic field. This write seeks to analyze this character and awaken possible new interpretations of Shakespearean work. In the literature field, critics who support this proposal stand out, such as: Knight (1967), Bradley (2009), Bloom (2001) and Heliadora (2005). In politic area, Maquiavel (2000 - 2006) and Descartes (2001) works in detail, evolutions of politic aspects. This writes proposal sought to consider such criticisms, as they have relevance for analytic politic comprehension of such a character written by Shakespeare. In Shakespearean writes there are many evolutionary politic actions can be observed when analyze the attitudes of character Claudius, mainly when to compare such actions of Claudius with the actions of his predecessor.

Keywords: Shakespeare. Hamlet. Claudius. Politic. Society.

1 INTRODUÇÃO

O trabalho de William Shakespeare desperta, na crítica literária, inúmeras nuances que permearão a ‘fortuna’ crítica expressada pelo bardo, entre os campos: trágico, da comédia e das peças históricas. Seguindo esse exemplo, pode-se destacar, entre os trabalhos do canônico, a peça *Hamlet* (1601). O alcance crítico dessa obra desenvolve-se em muitas áreas do conhecimento: literária, política, psicológica, sociológica, entre outras. Áreas que aprimoram os conhecimentos sobre as personagens, como: o rei Claudius, o mordomo Polonius, príncipe Hamlet (sobrinho do atual rei), os filhos do mordomo: Ophelia e Laertes, a rainha Gertrude, etc. O estudo da obra *Hamlet* (1601), centralizado desde as ações sociopolíticas do Renascimento, direciona a várias possibilidades, sobretudo a análise literária à luz da ótica política. Centralizado nas análises das personagens presentes nesse drama, essa escrita busca possíveis interpretações acerca da personagem Claudius.

Diante dessa perspectiva, surge a indagação sobre a representatividade da personagem Claudius na peça *Hamlet* (1601) – à luz da própria crítica shakespeariana e da crítica política originária a partir de Maquiavel – centrada no questionamento: dentro dessas premissas e sabendo que um rei totalmente bom também não é um bom rei – uma autoridade política não pode esquecer suas funções administrativas e seguir apenas os desejos pessoais da sua população, seria Claudius um modelo a ser considerado (aplicação de responsabilidades internas aos súditos; tentativas para realizações de atividades externas pelos súditos; aplicação de responsabilidade reais a Polonius como um vice-rei) dentro da política contemporânea?

As artimanhas políticas de Shakespeare expressas na personagem Claudius demonstram sua experiência enquanto cidadão de Stratford-upon-Avon, tendo, principalmente, Londres como capital da Inglaterra e sua experiência enquanto ex-londrino. As artimanhas políticas assumidas por Claudius foram praticadas, segundo Barbara Heliadora em *O homem político em Shakespeare* (2005), pelos líderes antecessores e atuais a Shakespeare, pois sua experiência enquanto cidadão inglês fundamentou a prática da personagem Claudius em *Hamlet* (1601).

Claudius realizou suas atuações superiores às do antecessor rei Hamlet, tais feitorias ocorridas – nomeação de um mordomo que possuía muitas capacidades internas no castelo; nomeações, dentro do primeiro século após o medievalismo, de súditos para realizações de atividades reais; incentivo à realização de eventos culturais: teatro, por exemplo – nessa obra Shakespeariana são possíveis de análises literárias e políticas. Updike, em *Gertrude and Claudius* (2000), realiza a escrita de seu romance (Updike, na sua releitura das três versões da

peça, a escrita de Saxo Grammaticus (1160 – 1220), e as reescritas de Francis Belleforest (1576) e William Shakespeare (1601), realizou a escrita de tal romance) explicitando as ações reinantes do antigo rei Hamlet e de Claudius, e ao lermos a peça *Hamlet* (1601), de Shakespeare, notaremos certas evoluções no tocante aos líderes hamletianos dinamarqueses.

As potências – nova realização governamental descrita por Shakespeare – e fragilidades – relações pessoais, principalmente com o sobrinho – de Claudius enquanto rei, são trabalhadas por George Wilson Knight, em *The Wheel of fire* (1967) que destaca a capacidade virtuosa da personagem: ações criativas e sábias, ser benevolente, com confiança em si; Andrew Cecil Bradley, em *A tragédia shakespeariana* (2009) aponta características que aprimoram a compreensão considerável dessa personagem; Harold Bloom, em *Shakespeare: a invenção do humano* (2001) elabora sua crítica centralizado na personagem príncipe Hamlet; e Barbara Heliodora, em *Reflexões shakespearianas* (2004) destaca que Claudius não se configura como rei. Autores que corroboram para as interpretações políticas dessa personagem, são: Maquiavel, em *A arte da guerra* (2000) e *O Príncipe* (2006) e Descartes, em *O discurso do método* (2001), contribuem com suas nuances literárias políticas a tal análise.

A relevância desse artigo reside na possibilidade de realizar novas interpretações e contribuições acerca da peça *Hamlet* (1601), levando em consideração os aspectos que caracterizam a personagem Claudius, como: diferente nas atitudes reais para elevar a sua imagem de comando; estrategista, praticante de possíveis evoluções: diálogo com todos os súditos, confiança nas ações externas reais dos súditos, etc., trazendo fatores literários históricos à crítica contemporânea, para uma aproximação relevante da compreensão das intenções de Shakespeare.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 O comando real de Claudius

Claudius, uma personagem descrita por Shakespeare – autor canônico e o bardo inglês – apresenta-se com algumas formas de atuação esplêndida na dramaturgia shakespeariana, na peça *Hamlet* (1601), ao compará-lo com a atuação reinante do seu irmão/rei na escrita de Grammaticus. Uma figura real que representou o reino de Elsinore, além do seu ato de ter cometido fratricídio, Claudius fez um esplêndido papel enquanto rei dinamarquês, ao

comparar suas atividades reais com o rei Hamlet – tendo as escritas de Grammaticus e Belleforest.

Claudius realizou um reinado de cooperação com os súditos, principalmente Polonius, mas transpareceu de forma negativa com o sobrinho¹. Pode-se ter inúmeras interpretações na interação entre ambos: Claudius e Polonius, principalmente se adotarmos a releitura de Updike (2000). Sobre as interpretações updikianas, a partir de sua interpretação das três escritas, Updike (2000) foca, no primeiro capítulo do seu romance, nas relações das personagens no reinado do rei Hamlet e, no terceiro capítulo, descreve como Claudius tornou-se rei.

Bloom (2004), em defesa da personagem príncipe Hamlet, diz que Claudius foi um assassino amador e atuou com deslizes. Considerando a mudança entre os reis, ocorreu mudanças no comando do reino dinamarquês hamletiano e essas mudanças conseguem fundamentos se comparadas às mudanças entre Eras. Ao analisar o momento do fratricídio, notar-se-á que o rei Hamlet não estava em um descanso rotineiro, mas em uma pausa após atividade externa – atividades presentes na escrita de Grammaticus (2013), fato ocorrido em pleno medievalismo. A partir da segunda cena da peça *Hamlet* (1601), em pleno Renascimento, nota-se a divisão dessas possíveis atividades realizadas pelo antigo rei Hamlet, divisão elaborada por Claudius, aos súditos. Dois dos súditos, Rosencrantz e Guildenstern, vieram da Inglaterra para Elsinore/Dinamarca. Não só Bloom (2004), que observou características negativas na personagem Claudius, Heliadora (2004, p. 138) observou que “Cláudio, o Rei, é um antagonista impressionante, uma força e uma inteligência que corporificam o mal”.

As mudanças de eras causaram, portanto, essas visões da crítica literária shakespeariana. Centrados em uma visão contemporânea e religiosa: Heliadora (2004) e Bloom (2004) acusam as ações da personagem Claudius negativamente e aplicam erros oriundos das ações dessa personagem. Bloom (2001) deixa uma ideia a ser refletida nessa interpretação da interação entre ambas as personagens: Claudius e o príncipe Hamlet, e afirma que a personagem Claudius não é um inimigo à altura da personagem príncipe Hamlet. Bloom (2001) afirma que não era necessário um amplo intelecto para vencer Claudius, tal proposição firmada na personagem do príncipe Hamlet. Pode-se interpretar a inferioridade da

¹ O dirigente pode ser amado, mas também precisa ser temido. Ele precisa desenvolver atos que revelem a sua humanidade, mas também empreender ações que não deixem transparecer fraqueza diante de seus dirigidos. A pior qualidade do dirigente é a fraqueza, porque se ele se revela fraco diante dos seus comandados, estes os desprezarão. (RODRIGUES, 1987, p. 46).

personagem do príncipe e – pensando tal inferioridade da personagem Claudius escrita por Bloom (2001) – a superioridade e o ser não portador desse espantoso intelecto: Claudius.

Cláudio, o trapaceiro, não é inimigo à altura de Hamlet, embora o Príncipe assim o defina. O miserável usurpador é totalmente desbancado pelo sobrinho [...], para dar cabo de Cláudio não são necessários um espantoso intelecto nem uma consciência das mais sensíveis, e o Príncipe Hamlet sabe, melhor do que nós, que não é talhado para a tarefa que lhe foi atribuída (BLOOM, 2001, p. 482-485).

Bradley (2009, p. 100), ao contrário dessas afirmações de Bloom (2001) acerca da personagem do príncipe, afirma que as atitudes do príncipe são totalmente homicidas e reafirma a loucura de tal personagem. “Rosencrantz e Guildenstern falam a Cláudio da necessidade imperiosa de proteger-lhe a vida, que era inestimável, como se a loucura de Hamlet tivesse se revelado agora claramente homicida”. Bradley² (2009) ainda destaca as ações e, principalmente, duas das ações gloriosas de Claudius, ele conseguiu praticar: parceria, após demonstração de fúria, com Laertes e dominação na população frente à postura agressiva dela.

A fúria de Laertes, portanto, volta-se primeiramente contra o rei; e a facilidade com a qual ele incita o povo, como também o receio que o rei tem de uma investigação judicial, mostram-nos como eram puramente internos os obstáculos que o herói tinha a vencer (BRADLEY, 2009, p. 104).

Compatível com as nuances escritas por Shakespeare sobre tal personagem, Knight (1967) apresenta suas interpretações favoráveis a tal análise da personagem Claudius e procurou seguir a originalidade Shakespeariana. Esse crítico britânico procurou em seu trabalho: *The Wheel of Fire* aproximar-se às intenções de Shakespeare quando escreveu a personagem Claudius e, possivelmente, procurou representar e descrever as mudanças evolutivas ocorridas no século XV e XVI na Inglaterra. Claudius não era um criminoso, realizou o fratricídio devido ao interesse político pessoal evolutivo, segundo Knight (1967). Concentrado na recente evolução das eras, Shakespeare reescreveu e escreveu a peça *Hamlet* (1601) constando tal agressividade: o fratricídio. Para estimular a capacidade interpretativa do seu público leitor, Shakespeare não efetuou grandes mudanças em sua reescrita, o bardo manteve a culpa da personagem Claudius em cometer fratricídio para alcançar o poder real – fato escrito por Grammaticus e também foi reescrito por Belleforest – e ter reescrito – o

² O rei Cláudio raramente obtém do leitor a atenção que merece. Mas ele é muito interessante, tanto psicológica como dramaticamente. (BRADLEY, 2009, p. 123).

bardo, a personagem como uma representação entre a troca das culturas medievais para as renascentistas.

Now Claudius is not drawn as wholly evil far from it. We see the government of Denmark working smoothly. Claudius shows every sign of being an excellent diplomatist and king [...]. Hence Hamlet is a continual fear to Claudius, a reminder of his crime. It is a mistake to consider Claudius as a hardened criminal [...] I have concentrated on Claudius' virtues. They are manifest. So are his faults his original crime, his skill in the less admirable kind of policy, treachery, and intrigue. But I would point clearly that, in the movement of the play, his faults are forced on him, and he is distinguished by creative and wise action, a sense of purpose, benevolence, a faith in himself and those around him³ (KNIGHT, 1967, p. 33).

Figura 1 - A Cena da peça em Hamlet



Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_personagens_de_Hamlet#/media/Ficheiro:Hamlet_play_scene_cropped.png

³ Agora Claudius não é atraído como totalmente mau, para longe disso. Vemos o governo da Dinamarca funcionando sem problemas. Claudius dá todos os sinais de ser um excelente diplomata e rei [...]. Hamlet é um medo contínuo para Claudius, uma lembrança de seu crime. É um erro considerar Claudius como um puro criminoso [...] Concentrei-me nas virtudes de Claudius. Eles são manifestos. Assim como suas falhas, seu crime original, sua habilidade no tipo menos admirável de política, traição e intriga. Mas eu gostaria de apontar claramente que, no movimento da peça, suas falhas são impostas a ele, e ele se distingue pela ação criativa e sábia, um senso de propósito, benevolência, uma fé em si mesmo e nos que o cercam. (KNIGHT, 1967, p. 33).

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A expressão elisabetana em *Hamlet*

Os quatro súditos reais de Elsinore, nomeados por Claudius: Cornelius, Voltimand, Guildenstern e Rosencrantz, realizaram funções que, no medievalismo, seriam realizadas através da personalidade do rei e com uso de espadas (OLIVEIRA; PRADO, 2020). Não era possível perceber essas nomeações pela personagem rei Hamlet, pois, segundo a crítica literária hamletiana, a personagem era muito singular: realizava suas funções pessoalmente, armado e funções agressivas. Essa interpretação voltada à atuação da personagem do rei Hamlet é realizada por Updike (2000). Claudius modificou a posição do reinado e com sua capacidade de liderança, em pleno Renascimento, realizou o reinado sem armamento.

Claudius, centralizado no campo político, emitiu a valorização do quadro profissional dos súditos. Como supracitado, além de Polonius como uma figura real e autoridade nas negociações entre súditos, Claudius dialogava com os súditos declarando ordens e recebia as reciprocidades dessas negociações, portanto, pode-se notar a valorização do diálogo: autoridade e súditos. Claudius agiu de forma oposta ao seu antecessor, com os súditos e outras realizações reais, como: nas relações externas e resolução das demandas internas.

Claudius assumiu o reinado de Elsinore e devido à sua prática (dentro do Castelo) – como escreveu Grammaticus (*The history of the Danes*) e reescrevem Belleforest (*The Hystorie of Hamblet*) e Shakespeare (*Hamlet*) – de ter cometido fratricídio, o papel religioso cristão é destacado dentro da escrita da peça por Shakespeare. Tal descrição é perceptível no Ato I/Cena V em que príncipe Hamlet e o fantasma do rei Hamlet representaram a aparição fantasmagórica do rei Hamlet, e a cena que mostra Claudius ajoelhado e realizando uma petição à figura de sua superioridade religiosa, Ato III/Cena III.

Claudius demonstrou grandes evoluções no exercício do poder quando também, por exemplo, nomeou súditos para tarefas externas e internas como supracitados. Ao ler essa escrita de Shakespeare, notará a diferença entre os reinados: Dinamarca, Polônia, Noruega e Inglaterra. Os reis, exteriores à Dinamarca hamletiana, ainda possuíam a cultura medievalista: invasão, posses ilegais, também a demonstração de força, etc. Claudius com sua autoridade revolucionária praticou ao contrário dos demais reinados. Considerando os aspectos culturais da era anterior, pode-se considerar Claudius um político onipotente ao seu cargo.

Como uma demonstração da força realizada por Claudius, essa personagem representou com suas ações reais renascentistas, ideias contrárias à do rei Hamlet que

representou as ações políticas medievalistas. As práticas inteligíveis de Claudius, ao nomear súditos, representou a sua provável segurança, armando-se.

Realizando a proposta do distanciamento idiossincrático entre Shakespeare (2015) e o florentino Maquiavel (2000), torna-se equivalente, pois notam-se em *Hamlet* (1601) evoluções dos costumes medievais para os costumes renascentistas, costumes já supracitados. Os discursos das ações políticas renascentistas são muito valorizados em *Hamlet* (1601), pois sempre houve as interações idiossincráticas entre as personagens. Claudius pratica essa interação com seus súditos, valorizando o diálogo, por exemplo, principalmente com o súdito Polonius.

Percebe-se a importância da prática da linguagem – realizada entre o rei e os súditos – oriunda da escrita de Shakespeare, da personagem Claudius. Chegando-se a Bloom (1995, p. 53), em *O Cânone Ocidental*, nota-se o destaque em Shakespeare no fator linguístico e o autor escreve o bardo como único nesse quesito: “Nenhum outro escritor jamais teve nada semelhante aos recursos de linguagem de Shakespeare [...]”. Portanto, Shakespeare tem sido o poeta na literatura ocidental.

Em *O Príncipe* – obra escrita antes de *A Arte da Guerra* – Maquiavel apresentou ideias opostas em sua obra posterior, pois na primeira obra, Maquiavel (2006) escreveu passos para adentrar na *virtù* e *fortuna* no campo político, principalmente como evitar a *fortuna*, apresentando direções e como evitar essas direções que levam o *príncipe* ao acaso. São direções aplicáveis nos atos da personagem Claudius.

Maquiavel, em *O Príncipe*, não se tornou o único a trabalhar com o tema *fortuna*. Descartes (2001) também trabalhou com o termo *fortuna*, mas articulado no âmbito pessoal e o francês escreveu sua obra, *O Discurso do Método*, em outras nuances culturais e no ano de 1637. Descartes (2001), como mencionado, trabalhou com o termo *fortuna*, mas o francês diferenciou-se do florentino. Maquiavel (2006) descreveu os caminhos a alcançar e evitar a *fortuna* e, Descartes (2001) procurou encontrar caminhos para vencer a *fortuna*. O francês escreveu que, se todos podem distinguir o verdadeiro do falso, nem todos são igualmente aptos a descobrir o verídico. A descoberta de tal veracidade, segundo o francês, exige qualidades de espírito superiores às encontradas habitualmente.

Shakespeare escreveu a sua peça *Hamlet* (1601) – observando as duas obras desses últimos dois autores supracitados – demonstrando determinadas mudanças no agir da personagem Claudius ao compará-lo com a personagem rei Hamlet (MENDES, 2021). Se observada a releitura de Updike (2000), pode-se observar essas mudanças históricas entre ambas as personagens.

[...] modificar antes meus desejos do que a ordem do mundo, e, geralmente, acostumar-me a crer que não há nada que esteja inteiramente em nosso poder, a não ser os nossos pensamentos, de sorte que, depois de termos feito o que nos era possível no tocante às coisas que nos são exteriores, tudo o que nos falta conseguir é, em relação a nós, absolutamente impossível (DESCARTES, 2001, p. 30).

A *fortuna e virtù*, apresentadas por Maquiavel (2006), possivelmente levou Shakespeare, inspirado na troca do reino inglês: Mary I por Elizabeth I, a descrever a peça *Hamlet* (1601) – primeira escrita, *The history of the Danes*, foi escrita por Grammaticus e segunda escrita, *The hystorie of Hamblet*, foi escrita por Belleforest – com a representação política inglesa entre os séculos XV e XVI (MENDES; OLIVEIRA; FÉLIX, 2019). Inspirado no reinado de Elizabeth I, Shakespeare inspirou-se nesse comando real e procurou descrever a peça *Hamlet* (1601) inspirando-se também na possível troca do comando real inglês: Mary I por Elizabeth I.

Refletindo tal escrita shakespeariana na conquista da derrubada da Invencível Armada Espanhola e na abertura do acesso a Inglaterra, Shakespeare talvez tenha procurado representar essas evoluções com a escrita da peça *Hamlet* (1601). Apresentando as relações entre países e as realizações de funções reais pelos súditos dinamarqueses hamletianos em terras externas. “Shakespeare é [...] um espírito que tudo impregna, que não pode ser confinado [...], Shakespeare tem a largueza da própria natureza e por essa largueza ele sente a indiferença da natureza” (BLOOM, 1995, p. 58). Shakespeare deve ter copiado os efeitos da sua realidade na peça *Hamlet* (1601), exceto o fratricídio, causados pela rainha Elizabeth I na rainha Mary I.

A troca e os efeitos entre os reis dinamarqueses hamletianos – observando a realidade de Shakespeare – inspiraram-se na troca real da Inglaterra entre os séculos XV e XVI, que aconteceu impulsionado pela traição sentimental e relacional do rei Henrique VIII para a rainha Catarina de Aragão (pais de Mary I), com Ana Bolena (Henrique VIII e Ana Bolena, pais de Elizabeth I) – aconteceram em *Hamlet* (1601) inspirados na realidade inglesa dos séculos supracitados. Possivelmente, a troca do reinado da Inglaterra influenciou Shakespeare na reescrita de tal peça.

Como apresentado nas idiossincrasias de Descartes (2001), Claudius não descobriu as verdadeiras intenções do príncipe Hamlet e do príncipe Fortinbrás (no Ato V/Cena II, nota-se a aparição do príncipe Norueguês no momento em que Claudius foi assassinado, possivelmente, o rei Norueguês apresentou palavras falsas aos súditos do rei Claudius. No Ato II/Cena II, ocorre tal reconhecimento da possível afirmação verídica pelo rei dinamarquês

enviada pelo rei Norueguês e perceptível também o envio dos embaixadores Voltimand e Cornelius à Noruega para essa negociação).

Shakespeare trabalhou Claudius, na sua escrita, como uma figura bastante questionável. Tal questionamento é notório na tentativa de institucionalizar o seu poder no reinado dinamarquês, mas com um grande sucesso institucional. Primeiramente, Polonius permanece como mordomo, mas com uma força maior na sua tarefa em sua profissão. Rosencrantz e Guildenstern, como descrito anteriormente, desenvolvem as funções adequadamente, mesmo tendo um fim trágico. Laertes e Hamlet executam suas funções bastante duvidosas, pois há vontade própria em ambos. Laertes em vontade familiar, mesmo sem conhecer o fato, vem ao trono dinamarquês desejando, através de informações exteriores ao rei, vingar o assassinato de seu pai: Polonius. O príncipe Hamlet, desde a morte do pai, encontrava o tio (o então rei) ou falava em ambientes não formais, após a revelação do possível fantasma do seu pai, que iria vingar a morte do seu pai: rei Hamlet. Nuttall (2007, p. 203) afirma que ninguém notava a vingança para o antigo rei como uma ação proibida de ser realizada: “It has been said that in all the philosophizing and questioning in *Hamlet* no one over seem to notice that revenge is forbidden”⁴.

Figura 2 – Hamlet, ler ou não ler



Fonte: https://polifonias.files.wordpress.com/2010/12/hamlet_claudius_gertrude.jpg

⁴ “Foi dito que em todo o filosofar e questionar em Hamlet ninguém parece notar que a vingança é proibida”. (NUTTALL, 2007, p. 203).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São notórias as realizações reais da personagem Claudius, na sua função de rei – mesmo Polonius se apresentar como uma forte confiabilidade ao líder real, a possibilidade de vice-rei ainda não existia – atribuía responsabilidades internas e externas aos súditos. Expostas as funções de Claudius acima supracitadas, podem-se observar possíveis evoluções na ordenação real.

Shakespeare revela os aspectos políticos da personagem Claudius em pleno renascimento, e faz revelações políticas em pleno século XVI muito relevantes: nomeação de embaixador, mordomo (em plena modernidade: vice-rei) e protetor do rei. Entende-se, considerando as ações da personagem Claudius, que as alternativas para alcançar o poder nos séculos XV e XVI eram diversas e muito consideradas, principalmente ao observar a peça *Hamlet* (1601), entre familiares. A religião, ao analisar a peça *Hamlet* (1601), não tinha muita referência nas atuações das personagens, exceto Claudius, que arrependido dos seus atos que o levou a cometer fratricídio, solicita, ajoelhado, perdão divino.

Nessa escrita de Shakespeare, no período renascentista, ficam expostas as evoluções nas sociedades dos séculos XV e XVI. O rei Claudius apresentou posturas reais mais evolutivas do que o seu antecessor – principalmente ao considerar a leitura em Grammaticus, Belleforest e Shakespeare, realizada por Updike (2000) – e, considerando essas evoluções, o primeiro (Claudius) representava as evoluções renascentistas e o segundo (rei Hamlet), as evoluções medievais.

REFERÊNCIAS

- BELLEFOREST, F. **The Hystorie of Hamblet**. Goiania: English Edition, 2013.
- BLOOM, H. **O cânone ocidental**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 1999.
- _____. **Shakespeare: a invenção do humano**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- _____. **Hamlet: poema ilimitado**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- BRADLEY, A. C. **A Tragédia Shakespeariana**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- DESCARTES, R. **O discurso do método**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- GRAMMATICUS, S. **The history of the Danes**. Goiania: English Edition, 2013.
- HELIODORA, B. **Reflexões Shakespearianas**. Rio de Janeiro: Lacerda Ed, 2004.

_____. **O homem político em Shakespeare**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2005.

MAQUIAVEL, N. **A arte da guerra**. São Paulo: L&PM, 2000.

_____. **O Príncipe**. São Paulo: Escala Educacional, 2006.

MENDES, A. O. PRADO, T. M. **Maquiavel em/e Shakespeare: releituras da personagem rei Claudius**. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

_____. A prática política shakespeariana em *Hamlet*. **Revista Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 9, p. 666-674, 2020.

MENDES, A. O. A política shakespeariana teatralista representada em *Hamlet*. **Revista Água Viva**, Brasília, v. 6, p. 1-10, jan-abr, 2021.

MENDES, A. O; OLIVEIRA, C. C; FÉLIX, J. C. Maquiavel em Shakespeare: releituras da personagem rei Claudius, em *Hamlet*. **Revista FSA**, Teresina, v. 16, n. 4, art. 10, p. 191-208, jul./ago. 2019.

NUTTALL, A. D. **Shakespeare: the thinker**. Yale University Press: London, 2007.

KNIGHT, G. W. **The wheel of fire**. London: Routledge Classics, 1967.

RODRIGUES, N. **Lições do príncipe e outras lições**. São Paulo: Cortez Editora, 1987.

SHAKESPEARE, W. **Hamlet**. New York: Barnes & Noble, Inc, 2015.

UPDIKE, J. **Gertrude and Claudius**. New York: The Ballantine Publishing Group, 2000.

Crédito da imagem

Figura 1. Pintura de *A Cena da Peça em Hamlet*

MACLISE, D. *A Cena da Peça em Hamlet*. Fraser's Magazine. Ireland. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_personagens_de_Hamlet#/media/Ficheiro:Hamlet_play_scene_cropped.png. Acesso em: 28/01/2022.

Figura 2. Pintura de *Hamlet, ler ou não ler*

ROCKENBACK, A. *Hamlet, ler ou não ler*. Polifonias. Santa Maria. Disponível em: <https://polifonias.wordpress.com/2010/12/25/hamlet-ler-ou-nao-ler/>. Acesso em: 29/01/2022.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

MENDES, A. O; GOMES, A. Delineações Políticas em Hamlet, de William Shakespeare. **Rev. FSA**, Teresina, v.19, n. 9, art. 14, p. 285-298, set. 2022.

Contribuição dos Autores	A. O. Mendes	A. Gomes
1) concepção e planejamento.	X	X
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	X
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X